

VELHICE – CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO: IMAGENS NO ESPELHO

OLD AGE – CONSIDERATIONS ABOUT AGING: MIRROR IMAGES

DIVINA DE FÁTIMA DOS SANTOS

Doutora em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

MARIA ARLENE DE ALMEIDA MOREIRA

Mestra em Família e Comunidade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

GENEIDE CERVENY

Professora Doutora em Psicologia Clínica, Núcleo Família e Comunidade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Departamento de Psicologia Clínica.

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo baseado na autoimagem e na identidade social sob a ótica dos idosos. Os autores utilizaram uma abordagem qualitativa para as narrativas dos 24 participantes, de ambos os sexos, todos com mais de 70 anos e que foram colhidas em 2011. Os participantes são residentes em diversas cidades do Estado de São Paulo, têm diferentes graus de escolaridade e pertencem a classes sociais distintas. As recomendações éticas e de sigilo foram seguidas. O estudo objetivou entender o significado de envelhecer para essas pessoas na sociedade em que vivem. O roteiro formulado se compôs de perguntas semi-dirigidas para serem completadas, segundo os sentimentos e reflexões dos participantes. Versavam sobre o tempo vivido, os sonhos da juventude e de agora, como se viam e são vistos hoje; as carências que sentiam então e sentem hoje. As respostas obtidas foram categorizadas segundo a visão dos entrevistados, comparativamente, na consideração do tempo vivido e das esperanças de futuro e do presente que vivem hoje. Os resultados obtidos indicam que muitos desses idosos se sensibilizam com suas próprias condições de velhos, com sua imagem e sua identidade social.

PALAVRAS-CHAVE: envelhecimento, imagem e identidade social, retratos do envelhecimento no Brasil

ABSTRACT: This article presents a qualitative study based both self-esteem and identity, to identify the meaning of being old in the light of the elderly. The authors listened the narratives of 24 participants which interviewed in the course of 2011. All of them had over 70 years old, lived in different cities of São Paulo State, had different degree of instruction, professions and social class. Some of these data are part of this study. The usual ethic recommendations were followed. The interviewed individuals answered to semi-directed questions to complete phrases proposed according to their convictions (behaviors and sensations). The purpose was to listen their narratives and make a comparison line between the time lived in their youth and at the present moment and how they felt both and the meaning of getting old. The analyses of the narratives took into account the subjectivity inherent to the object of the research. The results indicated that many of these citizens are moved by their own aging conditions and their roles and social importance nowadays.

KEYWORDS: aging in Brazil, image and social identity, portraits of aging

INTRODUÇÃO

A velhice faz parte da vida humana e chegar a ela, hoje, é a alternativa desejada. Os avanços tecnológicos associados ao controle, tratamento e/ou erradicação de muitas doenças, os cuidados preventivos de higiene e a nutrição levaram à redução da taxa de mortalidade do ser humano e propiciaram o fenômeno da longevidade. Mas o interesse pelo envelhecimento é recente. Como ocorreu com a infância, o interesse social para as questões do envelhecimento começou nos países desenvolvidos no começo do século XX, no pós-guerra imediato (Beauvoir, 1990), e os dados demográficos denotavam uma pirâmide demográfica invertida: poucos nascimentos e uma população envelhecida. O começo do século assistiu o nascimento da Geriatria e da Gerontologia como especialidades para cuidar dos problemas que envolvem o envelhecer. Até a década de 1970, o Brasil era

Recebido em 19/12/2013
Aprovado em 29/01/2014

considerado um país jovem e o interesse sobre a questão do envelhecimento ocorreu a partir da década de 1980. Com o *status* de objeto científico. Debert (2004) não considera o envelhecimento (velhice) uma categoria natural, mas uma construção social, pois, na transformação da última etapa da vida a objeto de conhecimento, foram considerados fatos demográficos e políticos (o custo financeiro das políticas sociais para suportar o desequilíbrio demográfico; o custo econômico do estado, por exemplo) e não a visão do prolongamento de um curso de vida normal, um desgaste fisiológico e não patológico. A longevidade enquanto ganho em vida passou a representar um problema em torno do qual há elementos políticos, além de especialistas a ditar e a compor os debates sobre as questões do envelhecer. É essa a questão explorada por Tótorá (2008) e outros autores que veem os discursos em torno das tentativas de reprivatização da velhice. No caso Brasil, o envelhecimento expõe as diferenças regionais e culturais das diferentes localidades brasileiras, seja na concomitância da incidência de doenças infectocontagiosas (ainda não sob controle) com as crônicas-degenerativas, ou na vigência da maior ou menor dificuldade para acesso à educação, à assistência social, à saúde ou à informação. Por esses fatos, há múltiplos modos de envelhecer. Nesse contexto, deve-se ter em conta a influência da mídia nos discursos sobre os problemas do envelhecimento, seja na criação, na difusão e na normatização de estereótipos. Tratar de questões que envolvem o envelhecimento nos obriga a um olhar alargado e sistêmico sobre os problemas que afetam a imagem social e a identidade do idoso, para perceber que no individual confluem múltiplos e variados fatores externos nem sempre de alçada de gestão

individual. Não se pode olvidar que o envelhecimento se inicia ao nascer, e nele interferem questões que ocorrem desde o nascimento e ao longo da maturação no caminho para velhice, quando e se esta é alcançada. Essa visão alargada e sistêmica pode explicar as variedades de reflexos da imagem que a velhice deixa no espelho.

ENVELHECIMENTO, VELHICE, TERCEIRA IDADE

Envelhecimento e velhice têm sido tratados como sinônimos, mas enquanto termos são alvo de construções culturais. O vocábulo francês “viellissement”, por exemplo, significa a passagem pela vida, um transcorrer da vida; “velhice” para alguns autores tem significado de envelhecimento com patologias coexistentes. Para Peixoto (1998), até o século XIX, palavras como velho (*vieux*), velhote (*viellard*) não tinham a conotação depreciativa de hoje. O termo velhote era utilizado para referendar “bom cidadão”. Para Neri (2004) e Freire (2000), o uso de vocábulos “velho”, “velhice” ou “terceira idade” carrega um preconceito. Debert (2007), comentando concepções de Fortes (1983), fala das armadilhas das representações e práticas que envolvem as categorias de idades, da posição social, do tratamento dado aos velhos como construções culturais de realidades específicas. Enquanto recortes do todo social, estabelecem direitos e distribuem poder e privilégio (p. 53). Refere que, tendo a modernidade institucionalizado o curso da vida, a idade cronológica passa a fazer parte da organização social, com mudanças na economia e estabelecimento de critérios, como ocorre para a idade para aposentadoria. O termo “Terceira Idade” surgiu a partir dos anos 1970 na

Europa e nos Estados Unidos e se referia a uma fase que se interpunha entre a idade adulta e a velhice. As palavras velhice e envelhecimento ganharam, então, outra dimensão com o termo “Terceira Idade” no entendimento de Debert (2007), pois nela, um conjunto de práticas, instituições e especialistas definiam e atendiam as necessidades do contingente de pessoas aí inserido. Entretanto, refere que, para entender o termo como construção social, é necessário recuperar as questões dos conteúdos simbólicos investidos nessa classificação, as formas de mobilização que tornam essas questões possíveis e reelaborar esses conteúdos tomando as práticas e autodefinições dos mais velhos (p. 62). Desta forma, entende ela, se obtém um conjunto que veda a análise de pressupostos da velhice como problema social resultante do envelhecimento populacional e se evita que o termo terceira idade seja associado à degeneração física do corpo humano. Abordando essa questão, Stucchi (2007) diz que o termo Terceira Idade foi definido como a idade do lazer nos Programas de Preparo para a Aposentadoria (PPA)*, mais recentemente também é usada nos Programas direcionados para esse contingente de pessoas. Isso nos leva à questão da idade em que a pessoa pode ser considerada velha e deve (?) se aposentar. Na área do Direito, a pessoa pode ser considerada velha a partir dos 60 anos**. Há divergência entre os diversos campos de conhecimento, posto que também sejam categorias artificiais. A Psicologia Social estabelece duas (2) fases para os grupos de idosos: 1. Os **idosos jovens**, aqueles na faixa dos 65 a 80 anos, para os quais não há a consciência do envelhecimento, e nem assumem a idade, pois se ajustam aos comportamentos atuais e integram-se com faixas etárias mais jovens; 2. Os

idosos velhos, acima de 80 anos que apresentam degenerescência física e psicológica, com perda progressiva da memória, deficiência auditiva e uma lentidão na capacidade comunicativa e perceptiva. As classificações para as faixas etárias do envelhecimento se multiplicam e se diversificam nas contribuições das múltiplas áreas do conhecimento, à medida que a vida se alonga e se tornaram produto. Papália, Olds e Feldman (2006) ordenam as faixas etárias segundo três (03) categorias: **1. Os “idosos jovens”** para as pessoas entre 65 a 74 anos; **2. Os “idosos velhos”**, para pessoas incluídas na faixa dos 75 aos 84 anos; e **3. Os “idosos mais velhos”**, aqueles compreendidos na faixa acima dos 85 anos.

ENVELHECER NA SOCIEDADE ATUAL

O envelhecimento se projeta no mercado de consumo como um produto e é mostrado como uma responsabilidade individual para possibilitar o gozo da idade do lazer. Guillemard (1980) já chamara a atenção para a reinvenção da velhice e sobre as tentativas modernas de reprivatização do que antes era socializado, na medida em que se culpabiliza a longevidade pelos custos da aposentadoria e da cobertura de despesas médico-assistencial dessa fase. Na comparação que realiza, mostrara o argumento anterior que envolvia a aposentadoria originalmente: uma contribuição pelo merecido descanso do trabalhador, tido como direito após os anos de trabalho. Entretanto, trazendo Beauvoir (1990) para o debate, ela comenta que até a aposentadoria representa muito mais um modelo masculino de velhice (ênfase no papel produtivo) do que um modelo feminino (ênfase na perda da autonomia), posto que a mulher

* Os Programas para a Terceira Idade são aconselhados na Política Nacional da Pessoa Idosa e são colocados à disposição das pessoas com mais de 55 anos para prepará-los para a aposentadoria. Nele, a participação pode ser espontânea ou determinada pela empresa. Os inseridos nesse Programa têm dois anos para se prepararem, antes do prazo previsto para aposentar-se. O objetivo é ajudá-los na construção de um projeto de vida que possa acolher aspectos negligenciados ao longo da vida ativa na instituição constituem um incentivo e estimular a pessoa a administrar o processo de transição (Shibata, 2006).

** Algumas leis estabelecem direitos, independente do sexo, para as pessoas com 60 anos (assentos exclusivos em estabelecimento bancário) exclusivos; outras, para pessoas com 65 anos (passe livre em metrô, p. ex). A legislação trabalhista faz uma discriminação para o tempo de aposentadoria por idade para a mulher (60 anos) e para o homem (65 anos). Vale a pena mencionar a legislação pertinente à pessoa idosa, à título de ilustração: Lei 8842/1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso; Decreto 1948/1996, que regulamenta a Lei 8.842/1994; Portaria Interministerial n.5.163/1999, que institui o Programa Nacional de Cuidadores de Idosos; Portaria 1395/1999, que dispõe sobre a Política Nacional de Saúde do Idoso; Lei 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso; Decreto 5.109/2004, que dispõe sobre a composição, a estruturação, competência e funcionamento do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI) e dá outras providências.

sempre desempenha muitos papéis e a aposentadoria não teria esse significado para ela. Vê-se que os significados se multiplicam e se ampliam. Tudo é múltiplo, variado e em diferentes níveis de decaimento quando se fala em perdas no envelhecer (Barros, 2006): biológicas, cognitivas, afetivas, de papéis, de reflexos, de produção, dos parentes e amigos que se vão, da redução da integração com outras faixas etárias, do maior ou menor isolamento que sobrevém após a aposentadoria. Sobrevém muita reflexão. Sobre os projetos de vida após o aposentar-se, esta questão é abordada por Barros (2006) e tem relação com a percepção de tempo e a trajetória do indivíduo, o quanto de realização de projetos foi possível ser feito e pode ser ainda alcançado. O lançar-se em novos projetos e ver o já realizado são elementos que constroem não só a biografia pessoal, mas também o resgate da autoestima por voltar ou ainda protagonizar algo. O elaborar novos projetos torna o indivíduo autor de seu tempo presente, lhe dão o viço de alma, como é o caso de participação em maratonas por pessoas com mais de 60 anos (Moreira, 2013). Faz-se através deles “a continuação de uma história que está sendo narrada” (Barros, 2006, p.113). A percepção dessa última etapa da vida carrega a construção cultural de fase para a qual nada mais há por esperar, senão a morte. Entretanto, como diz Barros (2006), é a percepção da velhice como último momento de vida que torna possível a formulação e execução de um projeto de vida (p.111).

IMAGEM E IDENTIDADE NA VELHICE

Nos tempos atuais, prolonga-se a vida, encurta-se a infância, idolatra-se a juventude e se promove o

descarte de tudo que é velho e obsoleto. Dá-se mais valor ao descartável e reciclável e ao consumismo rápido de tudo aquilo que se possa ter no menor tempo possível (Lopes & Santos, 2009). A imagem construída do velho é a de um ponto fora da curva, um ser social, marginal e fora da cadeia produtiva. Vive-se nos dias atuais uma realidade muito diferente daquela das sociedades tradicionais, que conferia às pessoas, ao longo de suas vidas, não apenas um nome, mas, acima de tudo, um lugar de pertencimento, um destino e um compartilhar de histórias e tradições familiares e sociais. Por esse motivo, para alguns sobreviventes, essa realidade pode dar margem a um sentimento de rejeição, de não pertencimento ao mundo atual e de idealização do passado (Barros, 2006). Marques (2009) aponta que foi nas décadas de 70, 80 e 90 que a velhice foi colocada como um problema. Trabalhando com o conceito de geração fala dos elementos que interferem na construção da identidade, tais como as relações de classe, de gênero, étnicas e religiosas. Entretanto são os sentimentos que a pessoa desenvolve a respeito dela mesma, nas interações sociais que interferem na identidade social (Ciampa, 2005). Como diz Múcida (2009), a identidade é construída nas narrativas que partilhamos, nos traços nos quais nos reconhecemos e os tornamos como próprios, que se inscrevem junto com as marcas arcaicas que fazem parte do arcabouço de nossa história. Sobre a pessoa idosa se associam características como a confiabilidade, a tolerância, a paciência, a honestidade, a competência, a ética e a sabedoria (Alves, 2007). Se isso ocorria no passado, a prática atual pode não acontecer, seja no respeito, ou mesmo na consideração da opinião do mais velho. Embora haja

mudanças, ainda é recorrente na sociedade a crença na imagem do velho como um ser assexuado, que parece não ter desejos, assim como o pensamento de que o velho não precisa reinventar-se ou reciclar-se. Pensando no isolamento a que podem estar sujeitos alguns idosos, alguns fatores podem favorecer a retração do idoso no espaço privado, desde as perdas de sua vida; como as poucas oportunidades de convívio e participação; as condições habitacionais; a insegurança da vida moderna; a condição de vulnerabilidade e risco que a idade atrai; ou as escassas oportunidades de se engajar no acompanhamento de novas tecnologias. Todas essas particularidades confluem para situações de inadequação e podem fazer aflorar sentimentos de angústia, propiciar a sensação de impotência ou levar a sintomas como a depressão (Goldfarb, 2010). Mas, há mudanças à vista, seja pela presença de longevos inclusos na posição de membros atuantes nos Conselhos Municipais de Idosos*, seja pela presença de idosos em provas esportivas, por exemplo. Neri (2004) menciona a necessidade de um processo de reconquista da subjetividade e conciliação de conceitos que reúnam desenvolvimento social e envelhecimento, com novas competências para a população maior de 60 anos e possibilidades de maior convívio entre as diferentes gerações, dados estes confirmado por Ferrigno (2009). O exercício da cidadania, ou o sentir-se participante em atividades grupais, pode ser difícil quando há ausência de espaço ou oportunidade para tal. Enquanto organizador social, a mídia pode influir ou ditar modas, introduzir comportamentos e costumes e facilitar mudança e promover a aceitação de novas atitudes (Fortes 2004). Entretanto,

* Além dos Conselhos Estaduais, há os Conselhos Municipais. Cada Estado e Município têm em relação a instituição dos mesmos suas legislações específicas. Eles constituem órgãos de representação de defesa dos direitos dos idosos.

a estabilidade emocional e o crescimento pessoal real do senescente só são possíveis por meio dos contatos interpessoais que são feitos nas atividades e nas relações familiares e sociais do cotidiano.

Algumas narrativas e imagens no espelho

A identidade não é só um nome. Para Mucida (2009), o conceito de identidade carrega uma tecidura em torno das relações sociais, culturas e individuais. Usando a metáfora de espelhos e a importância do olhar do Outro para a consistência do eu, a autora citada afirma que, na velhice, o olhar para uma imagem que denuncia as modificações corporais do tempo refletidas no espelho, este mostra a carência de um “lugar social” de pertencimento, de laços afetivos, sociais e familiares. Em decorrência disso, pode ocorrer o aparecimento de alguns sintomas, como um apego exagerado aos objetos, na tentativa de reter uma identificação com si mesmo. Assim, a autora recomenda ser necessário saber conduzir as mudanças, trocar os vários lutos por reinvestimentos em laços sociais, culturais e afetivos, e “vestir” o desejo com novas ações e laços. Mucida (2006) nos diz que envelhecer na sociedade que Bauman (2011) chama de líquida, pela concomitância da exigência da velocidade e premência pelo novo, traz consequências sobre as identificações e o envelhecimento e que não basta apenas uma mudança na imagem estética, para abrir novas vias para enlaçar o desejo. O contraste entre as imagens do jovem e do velho mostra de um lado, a beleza, a força física, a memória, a capacidade produtiva como atributos associados aos jovens; e, de outro, o perfil do que é feio,

decadente, não produtivo, lerdo e à espera da morte, associado aos velhos. A imagem generaliza. O partilhar da ideologia revela o fato lógico de que grupos de indivíduos possam preencher os requisitos necessários para serem classificados como tal. No momento em que não se compartilha com essa imagem, o velho é o outro. As diferenças ou as qualidades pessoais são, então, levantadas e apresentadas para definir uma identidade pessoal que se contrapõe a categoria genérica de velho (Mercadante, 1997).

METODOLOGIA

O presente estudo qualitativo foi embaçado em narrativas de 24 pessoas com mais de 70 anos, colhidas em 2011, residentes em diversas cidades do Estado de São Paulo, com diferentes graus de escolaridade e pertencentes a classes sociais distintas. As recomendações éticas e de resguardo de sigilo foram seguidas. O estudo objetivou entender o significado de envelhecer para essas pessoas na sociedade em que vivem. Para conhecermos o universo dos participantes foram colhidos dados sobre idade, gênero, profissão, escolaridade, estado civil, número de filhos, número de netos, com quem divide a moradia e que atividade desempenha atualmente. Nem todos os dados coletados foram utilizados na pesquisa. O roteiro formulado constou de perguntas semidirigidas para serem completadas, segundo os sentimentos e reflexões dos participantes e versavam sobre o tempo vivido. Inquiriram sobre os sonhos da juventude e de agora, como se viam / são vistos hoje; sobre as carências que sentiam então e sentem hoje. As respostas obtidas foram categorizadas segundo a visão dos entrevistados, comparativamente,

na consideração do tempo vivido e das esperanças de futuro e do presente que vivem hoje. A análise das narrativas indica que muitos desses idosos se sensibilizam com suas próprias condições de velhos, com sua imagem e sua identidade social.

TABULAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Idade: Na caracterização das narrativas dos participantes por idade, o critério de categorias de idade da senescência utilizado foi o de Papália, Olds e Feldman (2006). Observamos que apenas dois (2) dos investigados estão na faixa considerada “idosos jovens”; quinze (15), na faixa de “idosos velhos”; e sete (7) deles na dos “idosos mais velhos”*; **Sexo:** Dos participantes, dez (10) pertenciam ao sexo masculino e catorze (14) ao sexo feminino, o qual, entre nós, tem se mostrado mais resistente e com maior tendência à longevidade. Essa vantagem em relação ao sexo, relativamente à longevidade, é coerente com o registrado na literatura e decorre de inúmeros fatores, entre eles, a tendência do sexo feminino se cuidar mais e melhor, buscar assistência médica ou apoio social. O sexo masculino, por sua vez, na literatura tanto estrangeira como nacional, tem histórico de ser mais vulnerável às doenças na infância; ter maior propensão à morte por acidentes variados na adolescência e a juventude; e vir a sofrer de doenças cardíacas, na idade adulta e na meia idade. Quanto ao sexo feminino, na senescência tendem a sofrer problemas de longa duração ou incapacitantes, enquanto que o sexo masculino tende a desenvolver doenças fatais de curta duração (Papalia, Olds & Feldman, 2006). **Estado Civil:** Quanto ao estado civil dos investigados, dez (10) deles são casados;

* A escolha do critério foi coerente com a linha seguida, mas ele é visto apenas como meio para a análise do observado.

nove (09) são viúvos; quatro (04), separados; e um (01) nunca se casou. Um dado interessante é que, entre os viúvos, oito (08) pertencem ao sexo feminino e um (01), ao sexo masculino; evidenciando que o sexo feminino enquanto mais longevo, tende a viver a viuvez mais frequentemente que o sexo masculino. De acordo com dados censitários recentes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, Censo Demográfico 2010), é comum, após a viuvez no sexo masculino, o estabelecimento de uma nova relação afetiva com pessoas mais jovens que eles, o que nem sempre ocorre no sexo feminino. Esse fenômeno não é explicado por dados censitários, e pode ser decorrente de questões de gênero. **Com quem residem?** Esse dado mostra relação com o estado civil dos participantes. Entre eles, dez (10) informaram serem casados e viverem com seus cônjuges; quatro (04) moram com parentes (irmãos, filhos ou netos); e dez (10) referem morar sozinhos e que esta opção se deu à fatalidade da viuvez, ou à separação de seus parceiros. Neste último grupo, a incidência do sexo feminino (viúvas) é maior do que no masculino (viúvos).

Das narrativas se depreende que estando só, o idoso refere preferir viver sozinho e, mesmo que escolha viver perto dos filhos ou netos, o fato de ter sua própria moradia lhes dá autonomia e liberdade. Isto também foi constatado em pesquisas sobre idosos e moradias (Santos, 2012). Na maioria das narrativas, os idosos relataram que, de certa forma, sentem-se mais seguros por saberem que um parente está por perto. Interessante realçar o modo pelo qual o idoso se relaciona com sua moradia. Ela representa a maneira pela qual expressa sua identidade e imprime suas marcas pessoais: “um lugar construído para seu bem-estar”, “um espaço de proteção”, no qual “pode

exercer seu domínio e controle”. Muitas vezes o local de moradia (a casa) é o único “espaço no qual mantém seus vínculos com os objetos, as pessoas e o ambiente”; pode-se dizer que é o lugar social no qual preserva seu equilíbrio e a sua identidade; **Número de filhos e netos:** Dos participantes, um (01) do sexo feminino não teve filhos ou netos; sete (07) declararam dois filhos; e dez (10) tiveram três (03) filhos; e seis (06) tiveram quatro (04) ou mais filhos. As informações apontam para uma transição entre famílias extensas com grande número de filhos para famílias menores com um ou dois filhos por mulher, de acordo com as fontes pesquisadas (IBGE, 2010). O número de netos por investigados também é relativamente baixo para este grupo; **Escolaridade:** Dos vinte e quatro (24) entrevistados, nove (09) possuíam escolaridade equivalente ao antigo ensino primário* (Ensino Fundamental I); sete (07), ao equivalente Ensino Fundamental II; três (03), ao equivalente Ensino Médio; e cinco (05) possuíam nível superior, sendo que destes, um (01), pós-graduação. Importante destacar que os menores níveis de escolaridade estão presentes nas faixas etárias mais altas. Entre os participantes, houve quem residisse no interior (áreas rurais na época da infância), onde havia dificuldades de acesso, e o poder aquisitivo e a carência das escolas públicas eram fatores que influenciaram a continuidade dos estudos. Os de família mais abastadas tinham a possibilidade de mudança para a capital, ou nela passaram a residir para continuar a formação escolar, com acesso ao ensino superior. A narrativa de participantes do sexo feminino com 80 anos e mais demonstrou que embora tivessem o desejo de dar continuidade aos estudos, não o fizeram, porque suas famílias privilegiavam

* Trata-se da antiga divisão adotada no ensino brasileiro, no qual o Ensino Fundamental I compunha-se de 04 anos e o Ensino Fundamental II, de 08 anos.

o ensino para moças que aperfeiçoava os cuidados com a casa, o cortar, o coser, a execução de novas receitas culinárias e como se tornar boas mães e esposas. **Ocupação/ profissão:** Relativamente a profissões, entre os entrevistados, onze (11) eram donas de casa; três (03), operários; dois (02), professores da rede básica; um (01), médico; uma (01), secretária; uma (01) empresária; uma (01) doméstica; um (01), advogado; e três (03), professores universitários. Todos os vinte e quatro (24) investigados são aposentados. Das catorze (14) pertencentes ao sexo feminino, apenas três (03) tiveram trabalho remunerado fora de casa (secretária, empresária e doméstica). As onze (11) restantes relataram que trabalhavam em suas próprias residências, como donas de casa, nos cuidados da casa, marido e filhos. Esse era o comportamento padrão nas décadas de 1930, 40 e 50 esperado para as mulheres. Muito embora todos os entrevistados tenham se declarado aposentados na profissão, seis (06) deles referem continuar a desempenhar alguma atividade (ocupação). Os motivos alegados são variados, o que prevalece é o fato de não conseguir ficar sem desempenhar alguma atividade e o trabalho os mantém ocupados, além de conservar o sentido de se sentirem vivos. Um professor universitário afirmou que acabara de se aposentar, mas se sentia cheio de vida e com muito conhecimento. Fazia trabalhos de consultoria bem específicos e que “agora o trabalho é por prazer e não por necessidade”. Uma das entrevistadas afirmou que o rendimento de sua aposentadoria é baixo e que necessita fazer um trabalho extra. Por isso, dedica-se ao fabrico de comida congelada aos antigos clientes para aumentar a renda mensal. Cabe uma referência ao que Silva, Amazonas e Vieira (2010)

chamam de diferenças biológicas (dominação masculina) e que exerceram influência para a permanência da mulher no espaço privado. Essa dominação embasada na diferença biológica (mulher de compleição mais frágil, trabalho de homem, trabalho de mulher) é um construto cultural de um mecanismo restritivo de participação da mulher no espaço público. Além disso, impôs papéis “próprios” a serem exercidos pela mulher, e forneceu elementos na criação cultural do ideal de mulher, a quem se reservava o destino e os papéis “próprios” no espaço doméstico. Esta é uma construção que, embora hoje ainda esteja presente (se mostra na diferença entre os salários pagos a homens e a mulheres para realizar a mesma função, por exemplo) vem sendo mesclada com a autonomia e complementaridade entre os sexos. Mesmo não desempenhando trabalhos remunerados fora de suas casas, as mulheres sempre exerceram atividades múltiplas (mães, esposas ou trabalhadoras do lar) e continuam a exercer papéis variados ao longo de suas vidas. Quando na idade avançada, em geral, tendem a envelhecer com maior possibilidade de preservarem boa saúde dentro do esperado para essa população. Segundo esses autores, o mesmo acontece com os homens com mais de 65 anos de idade que continuam em alguma atividade laboral e se mantêm participativos e atuantes socialmente. Embora se possa (continuar a) pensar na aposentadoria como um direito da pessoa idosa, sabe-se que, na sociedade capitalista, os valores e o potencial humano em geral são medidos pela capacidade de consumo. Assim, sentir-se útil e produtivo, mesmo após a aposentadoria, é uma maneira pessoal de se sentir valorizado e respeitado (Santos, 2010) e que melhora a autoestima.

ANÁLISES DAS RESPOSTAS E DAS REFLEXÕES DOS PARTICIPANTES

Com relação ao roteiro de questões semiestruturadas, foi solicitado aos investigados que completassem a frase, baseando-se em seus sentimentos e posicionamentos perante a vida vivida na juventude, e no momento presente. Os trechos a seguir correspondem a transcrições de suas narrativas.

Modo de encarar a vida

Na minha juventude eu encarava a vida... *Com alegria; com sonhos; com otimismo; com seriedade; com vontade; trabalhando; com tristeza; com sofrimento.*

Hoje eu encaro a vida... *Com alegria; com otimismo; com tranquilidade; com responsabilidade; com tristeza.*

A grande maioria dos entrevistados completou a frase atribuindo palavras positivas, tanto na referência ao tempo da juventude, como no momento em que vivem hoje a velhice, revelando certo otimismo ao longo da vida, independente da idade. Entretanto, também aparecem nas narrativas as palavras *tristeza* e *sofrimento*. Quando se reconhece a imagem de uma pessoa que envelheceu, se reconhece também sua história de vida, suas lutas, suas conquistas e tudo aquilo que marcou sua trajetória. Para alguém idoso e pertencente a determinado mundo social, tornar-se reconhecido por marcas de superação a pressões sofridas é sinal de vitória.

Sonhos da juventude e de hoje

Na minha juventude eu sonhava com... *Casar e ter filhos; constituir família; ter uma casa; uma vida*

tranquila; prosperidade; o futuro; realização profissional.

Hoje eu sonho com... *Ter saúde; ter uma velhice tranquila; ter paz; bem-estar da família; netos.*

Na complementação dos sonhos da juventude e dos sonhos de hoje, os anseios revelam uma diferenciação em relação ao sexo. Embora os homens também desejassem ter casa e filhos e construir uma família, essas palavras foram mais fortemente sustentadas pelo sexo feminino. O sexo masculino mostrou maior preocupação com a carreira profissional. Pode-se dizer que nos dias atuais, mesmo com a emancipação das mulheres esse desejo por uma casa/ família, ainda é muito recorrente.

Olhar do outro: ontem e hoje

No item seguinte a complementação da pergunta que evoca o sentimento que o olhar do outro provoca, na juventude e no tempo presente.

Na minha juventude sentia que as pessoas me olhavam... *E me achavam bonito (a); me achavam lindo(a); com admiração; com carinho; me achavam forte; me achavam o máximo; com respeito; como um gringo.*

Hoje sinto que as pessoas me olham... *Não me olham mais; com admiração, apesar da idade; como uma pessoa bem conservada para a idade; com respeito; como uma velha; com dó; com desprezo; com piedade; como um gringo velho.*

Os participantes fizeram referência aos aspectos físicos da juventude (força e beleza). Quanto aos dias atuais, os traços do envelhecimento parecem revelar certa inquietude a até mesmo sofrimento, na percepção da expressão “*não me olham mais*”. Messy (1999) e Mucida (2009) entendem que as areias

da amпуheta registram-se no corpo que expõe esse transcorrer do tempo na pessoa. Estes sinais são revelados pelo surgimento de rugas, calvície, cabelos brancos, lentidão nos reflexos, curvatura e compressão da coluna vertebral e uma musculatura atrofíca. Entretanto, para essa autora, quando a vontade e o desafio de viver não são perdidos, a velhice não tem um lugar definido e deixa de ser um construto previamente definido e passa a um estado: “velho é o outro”. Nesse sentido, o confronto da imagem refletida no espelho quando jovem dá o contraste entre a força física e a beleza da juventude, enquanto após a passagem do tempo evidencia os aspectos bio- psíquicos do envelhecimento. Alguns dos investigados consideraram “*o estar feliz e realizado*”, um sinal de que a vida valeu a pena, mesmo que a inscrição da passagem do tempo no corpo mostre os sinais de envelhecimento, pois a vida de uma pessoa não deve ser pautada apenas sob o ponto de vista estético.

Imagens no espelho

Na juventude, ao me olhar no espelho eu via... *Um (a) jovem bonito(a); atraente; saudável; promissor(a); feliz; orgulhosos(a); forte.*

Hoje, ao me olhar no espelho eu vejo... *Uma pessoa diferente; um(a) homem(mulher) vivido(a); feliz; simpático(a); forte; firme; um(a) velho(a) sem futuro; triste; acabado(a); cheio(a) de rugas.*

Muitos autores afirmam que a formação da imagem integrada positiva ou as distorções da identidade de uma pessoa têm início com os primeiros contatos sociais da criança com seus pais por meio dos primeiros estímulos táteis. Partindo dessa concepção é possível afirmar a existência de uma correlação

entre a qualidade do toque, do olhar, da delicadeza do gesto registrada na mente, gerada na infância e que vai sendo construída e reconstruída até a velhice. Para o indivíduo saber quem ele é, necessita compreender as sensações e ter consciência delas, bem como das representações enquanto pessoa (Cardoso & Rosset, 2009). Desse modo, a imagem corporal do idoso vai sendo reajustada gradualmente durante o processo de envelhecimento e, dependendo de como o envelhecimento é vivenciado, pode incidir sofrimento, perda da motivação e do interesse pela vida, sendo a idade assumida como algo negativo. Na metáfora do espelho, ele reflete, então, a imagem de alguém “frágil”, “lento” e “cansado”, que é construída culturalmente. Entretanto, mesmo que a idade, o tempo e o encontro com a velhice sejam inevitáveis, é preciso alimentar e manter o desejo por outras atividades e laços, para não perder a possibilidade de sonhar, de realizar sonhos adormecidos e de novos projetos e novas amizades (Mucida, 2006).

Da importância do ter na juventude e na velhice

Na juventude eu queria ter: *Um bom trabalho; uma carreira bem-sucedida; sucesso; uma casa; uma família; uma pessoa que me amasse e me fizesse feliz.*

Hoje eu queria ter: *Paz; saúde; tranquilidade; sossego; amor; amigos; tenho tudo que preciso.*

Com relação ao conteúdo das respostas ao item “importância do ter” na juventude e no envelhecimento as narrativas salientam o desejo de maior estabilidade pessoal e profissional na juventude, enquanto que, na velhice, buscam por serenidade e saúde. Ao mencionarem que, na velhice, gostariam de ter “*amigos*”, isto nos faz

refletir sobre possível falta de convívio e/ou integração com outras pessoas.

Das carências da juventude e das carências da velhice

Na juventude sentia falta de...: *Nada; tudo; carinho; afeto; tempo; dinheiro; estudo; profissão; lazer; liberdade.*

Hoje sinto falta de...: *Nada; quase tudo; lazer; companhia; amizades; mais saúde; dos netos; bater papo; dinheiro; afeto.*

Quanto aos sentimentos de falta, tanto na juventude, como no hoje, aparece a resposta “*nada*” e “*tudo*”. “*Cariño*” e “*afeto*”, indicando a carência de maior contato pessoal. A palavra “saúde” (seja na ausência ou no desejo de se ter mais) apareceu praticamente em todas as respostas às questões formuladas e expôs a fragilidade biológica sentida nesta fase da vida. Esta fragilidade que os preocupa e os acompanha não pode ser entendida como incapacidade para a vida social. Os velhos em nossa sociedade sofrem com a discriminação não apenas de seus corpos, mas por suas limitações em geral. Isso amplia o olhar para fora de si. Trata-se, segundo Campedelli (2009, p. 33), do “resultado de um jogo complexo entre limitações individuais e estrutura social pouco sensível à necessidade de cuidado”. Ao falar de independência, faz-se necessário analisar os contextos da existência de cada um; a fragilidade da velhice vai muito além de apenas um corpo envelhecido, já que existe um contexto estrutural social e público inerente à interdependência.

Dos valores na juventude e na velhice

Na juventude eu valorizava...: *o trabalho; o estudo; a estabilidade; o luxo;*

o conforto; a amizade; o casamento; festas.

Hoje eu valorizo...: *A saúde; a educação; a vida; o conhecimento; o carinho; o respeito; a tranquilidade; a família.*

Quanto aos valores perseguidos na juventude e os que vigoram hoje é uma questão inter-relacionada às anteriores, sobretudo quando se observa o tempo presente.

A visão do futuro na juventude e na velhice

Na juventude eu via o futuro... *Promissor; longínquo; distante; assustador; difícil; não pensava no futuro.*

Hoje vejo o futuro... *Perto demais; curto; breve; muito incerto; sombrio; sofrido; que chegou; que vivo o futuro no olhar dos meus netos.*

Ocorre nesta fase da vida uma reavaliação da vida vivida: as conquistas, os negócios inacabados, os sonhos adormecidos. Surge um novo olhar, mais direcionado para tudo aquilo que justifica canalizar energias no tempo que resta. Alguns idosos têm plena consciência da passagem do tempo e decidem repassar aos filhos e netos conhecimentos e experiências, dando um novo significado para suas vidas (Cervený, 1994). No entender de Erik Erikson (1998), é nesta fase da vida que as pessoas estariam aptas a verem um senso de ordem, significado e coerência de suas vidas e uma visão mais ampla do passado, do presente e do futuro. São, quando emocionalmente equilibradas, capazes de viver o tempo que lhes resta sem grandes arrependimentos, aceitar as imperfeições da vida, do mundo e as próprias e, assim, viverem da melhor forma possível. Na verdade, o tempo da ampuheta acusa que já não há tempo suficiente

para desfazer e refazer o que foi feito lá atrás.

O futuro tem uma nova dimensão e exige uma reflexão sobre o tempo, seja ele Kronos (tempo cronológico) ou Kairós (tempo vivido de fato). Na juventude, a vida parece longa, distante, e o tempo para planejar e realizar os desejos é bem amplo. Já na senescência falta tempo. Tudo parece ter passado rápido demais e quando nos damos conta, não foi possível realizar todas as coisas sonhadas e desejadas. Isso pode afetar a integridade do ego e dar ensejo a momentos de crise e lamentações. Mas segundo o autor acima citado, algum desespero é inevitável nessa fase da vida, já que muitas coisas são incertas. É evidente que existe a noção de que o “fim” está mais próximo e a morte é uma visita que se espera e não tarda. Em geral, a temática da finitude é evitada por boa parte da sociedade, que se recusa a falar da morte e do morrer. Os seres humanos têm diferentes experiências de vida e reagem de diferentes formas em relação à finitude. Contudo, quanto mais se compreender este fato, melhor será sua abordagem e mais plenamente se viverá até esse fim. Embora a morte biológica seja o termo, um fechamento de ciclo esperado, ela carrega em seu bojo influências culturais, sociais, religiosos, psicológicas, éticas e científicas intimamente ligadas e delas não trataremos aqui. Contudo, pelas respostas dos investigados nesta questão, fica claro que o assunto é importante e requer uma reflexão mais profunda a respeito. Numa entrevista realizada com o escritor português e prêmio Nobel de literatura José Saramago, com 83 anos de idade, ao responder à pergunta de uma jornalista, em que a mesma questiona se existia ainda alguma coisa que ele gostaria de ter, após tantos prêmios conquistados e

também o reconhecimento angariado em vida, a resposta foi: “*Me falta tempo. Gostaria de ter mais tempo, pois tenho ainda muito a fazer.*” Assim, pode-se dizer que essa é uma das maiores angústias do ser humano: reconhecer que seu tempo está se esgotando e que somos impotentes diante disso. Essa incerteza também ficou patente nas respostas deste grupo de idosos, quanto ao próprio futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IMAGEM NO ESPELHO NÃO É MINHA

O velho do espelho (Mário Quintana)

*Por acaso, surpreendo-me no espelho:
quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que
eu?
Porém, seu rosto... é cada vez menos
estranho...
Meu Deus, meu Deus... Parece
Meu velho pai – que já morreu!
Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar – duro – interroga:
“O que fizeste de mim?”
Eu, Pai? Tu é que me invadiste,
Lentamente, ruga a ruga... Que
importa? Eu sou, ainda,
Aquele mesmo menino teimoso de
sempre
E os teus planos enfim lá se foram por
terra.
Mas sei que vi, um dia – a longa, a
inútil guerra –
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um
orgulho triste...*

Assim como o adolescente não tem controle sobre as transformações do próprio corpo com a passagem do tempo, o velho encontra-se com as escritas do tempo sobre si e não reconhece essa pessoa que o olha no espelho. As memórias que acompanham esses idosos

se mostram nas narrativas que partilharam de suas juventudes e do tempo presente, no significado do envelhecer. Em seus espaços sociais mantêm o domínio, o controle e a autonomia, não do tempo, mas das memórias que se associam com os objetos, um refúgio e proteção que mantêm viva a história de suas vidas. Essas narrativas revelam os costumes da época vivida, as adaptações implementadas ao tempo e à cultura e que se manifestam como modos de ver o escorrer da areia na ampulheta. Mas, mesmo sendo a casa um lugar especial, muitos sentem falta dos(de) amigos, da família.

Neste estudo foi possível encontrar idosos felizes, tristes, esperançosos, brincalhões, melancólicos e rabugentos. Alguns gozando de boa saúde, outros mais fragilizados, mas todos autônomos e independentes. Alguns tinham plena consciência do quanto eram importantes, tanto em suas famílias, quanto socialmente. Outros se mostraram decepcionados em relação ao respeito e à consideração que suas famílias antes lhes dedicavam; outros, ainda, mostraram-se cheios de vida, atuantes e felizes na sua condição de velhos e afirmam que a vida é curta demais para perder tempo com bobagem. Para esses, a regra é simples e nos serve como reflexão, como no recado dado por uma idosa: “*Seja feliz, a vida é uma só, aproveite! Ser velho não é o fim do mundo!*” Para Ciampa (2005), a identidade humana é uma metamorfose, na qual o homem está em constante transformação, pelas condições naturais e históricas experimentadas, considerando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais de cada um de nós. A concretização da emancipação se dá pela via da ação política explícita ou não. Com relação à idosa citada, pode-se dizer que ela encontrou, de certo modo, sua própria emancipação.

Ninguém deseja ser tratado como fardo ou como coisa, pois tal tratamento abala a autoestima e é uma prática de exclusão que estimula a desigualdade nas relações sociais entre pessoas de todas as idades.

Notamos que o questionário apresentado a este grupo de investigados mostrou-se eficiente. Em vários momentos, pareceu-nos que os participantes faziam uma tomada de consciência e uma autoanálise em relação à própria identidade, bem como em relação às escolhas feitas ao longo da vida. Isso deve ser considerado em futuras aplicações. Alguns, inclusive emocionaram-se durante a entrevista, outros agradeceram pela oportunidade de participar deste estudo, bem como por poderem pensar mais objetivamente sobre o passado, o presente e o futuro, o que permitiu a revisão de vários de seus comportamentos e ações.

Neste estudo, percebemos que muitos idosos se sensibilizaram com suas próprias condições de velhos, seu papel e sua importância social na atualidade. Mas, muitos ainda necessitam encontrar a tão sonhada emancipação no mundo em que vivem, afinal, pensando sistemicamente, devemos lembrar que os idosos deste estudo influenciam e são influenciados pelo meio em que vivem.

Não sabemos o quanto cada um de nós vai durar. Entretanto, se desejamos viver, necessitamos aprender a envelhecer desde cedo, pois nosso tempo não é só Kronos, mas também Kairós.

REFERÊNCIAS

- Almeida, J.A.M.** (2005). *Sobre a anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. Tese de Doutorado, PUCSP, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Alves, A. M.** (2007). *Os idosos, as redes de relações sociais e as relações*

- familiares. In A. L. NERI. (Org). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. São Paulo: SESCSP.
- Barros, M.M.L.** (2006). Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 52, 109-132.
- Beauvoir, S.** (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bauman, Z.** (2011). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brandão, V.**(2009). *A construção do saber gerontológico: reflexões interdisciplinares*. In: L.E.L.R. Valle, G. Zarebski, & E.L.R. Valle. *Neurociência na melhor idade*. Ribeirão Preto: Novo Conceito.
- Brandão, V.M.A.T., Mercadante, E.F.** (2009). *Envelhecimento ou longevidade?* São Paulo: Papirus.
- Campedelli, M.A.** (2009). *A identidade do velho no mundo contemporâneo*. Tese de Doutorado: PUCSP, São Paulo São Paulo, Brasil.
- Cardoso, A., Rosset, J.** (2009). Estética, saúde e bem estar: o que está causando um vazio na vida do ser humano? *Anais do Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais*. Centro Reichiano, Curitiba, Paraná, Brasil, 15 e 9. Recuperado de www.centroreichiano.com.br/artigos.pdf.
- Ceccim, R.B., & Palombini, A.L.** (2009). *Imagens da infância, devir criança e uma formulação à educação do cuidar*. In MAIA, M.S. (Org.). *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Cerveny, C.M.O.** (2010). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. (3ª edição). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ciampa, A.C.** (2005). *A estória de Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Debert, G.G.** (2004). *A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*. Recuperado de: www.anpocs.org.br.
- Erikson, E.** (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferrigno, J.C.** (2009). Educação para os velhos, educação pelos velhos e a coeducação entre as gerações: Processos de educação não formal e informal. In: M. B. Park, & L.A. Groppo. (Org.) *Educação e velhice*. Holambra: São Paulo.
- Figueiredo, L.C.M.** (2009). As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica e a cultura. In M.S. Maia. (Org.) *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Fortes, I.** (2004). O sofrimento na cultura atual: hedonismo versus alteridade. In: C. A. Peixoto Jr. (Org.). *Formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Goldfarb, D.C.** (2010). *Depressão e envelhecimento na contemporaneidade*. Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br.
- IBGE**, 2010. Dados do Censo de 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Disponível In: www.ibge.gov.br, 2010;
- Lopes, R.G. C., & Santos, D.F.** (2009). A família e o idoso. In: L.E.L.R. Valle, G. Zarebski, E.L.R. Valle. *Neurociências na melhor idade*. Ribeirão Preto: Nova Conceito.
- Marques, A.M.** (2009). Reflexões sobre o envelhecer nas últimas décadas do século XX. *Territórios e Fronteiras*, 2(1).
- Mercadante, E. F.** (1997). *A construção da identidade e subjetividade do idoso*. Tese de Doutorado: PUCSP, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Mercadante, E.F.** (2009). Velhice: uma questão complexa. In: B. Corte, E.F. Mercadante, I.A. Arcuri (2009). *Velhice, envelhecimento e complex(idade)*. São Paulo: Vetor.

- Messy, J.** (1999). O espelho quebrado. In: A. B. Motta. *A pessoa velha não existe*. São Paulo: Aleph.
- Mucida, A.** (2006). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. (2ª. Ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Mucida, A.** (2009). *A escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice*. (2ª. Ed.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Neri, A. L.** (2001). *Envelhecimento e qualidade de vida na mulher*. Trabalho apresentado no II Congresso de Geriatria e Gerontologia. Campinas;
- Neri, A. L.** (2004). Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos. *Psico-USF*, 9 (1):109-110.
- Neri, A. L.** (Org.) (2007). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: SESC-SP.
- Papalia, D.E., Olds, S.W., & Feldman, R.D.** (2006). *Desenvolvimento humano*. (8ª Ed.) Porto Alegre: Artmed.
- PEIXOTO, C.E.** (2003). "Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade..." In: M.M. Lins de Barros (org). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política* (3ª. Ed.), Rio de Janeiro: FGV Editora. PP.57-84.
- Py, L.** (2004). Envelhecimento e subjetividade. In L. PY, *et.al. Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU.
- Rebouças, M.** (2012) O discurso do sujeito: idosos em São Paulo. *Revista A Terceira Idade*, 23, 53: 30-43. Disponível em: www.sessp.org.br/online/revistas/edições/425_ENVELHECIMENTO+E+ELABORACAO+PERDAS#/tagcloud=lista.
- Santos, D. F.** (2010) *Relações intergeracionais: palavras que estimulam*. Dissertação de Mestrado, PUCSP, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Santos, D.F., Tomazoni, A.M.R., Lodovici, F.M.M., Medeiros, S.A.R.** (2010). A arte de morar só e ser feliz na velhice. *Caderno Temático Kairós Gerontologia*, 8, 109-123. Recuperado de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6918/5010>.
- Silva, T.T.** (2000). (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Silva, T.C.M., Amazonas, M.C.L.A., Vieira, L.L.F.** (2010). *Família, trabalho, identidade de gênero*. Maringá: Psicologia em Estudos.
- Toni, I.M.** (2011). *Reconstruindo a identidade na Velhice através da Educação*. PUCSP: Portal do Envelhecimento. Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br.
- Titora, S.** (2008). Apontamentos para uma ética do envelhecimento. *Kairós*, 11, 1, 21-38.
- Winnicott, D.W.** (2011). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.